

A CONCEPÇÃO ARISTOCRÁTICA DE MUNDO E OS USOS DO PASSADO: A Apropriação Do Paganismo Indo-Europeu Pela Extrema Direita Francesa Nas Páginas Revista *Terre Et Peuple*.

VICTOR BARONE

Graduando em História (FFLCH – USP)

Bolsista de Iniciação Científica - FAPESP

victorz.barone@usp.br

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva (UNIFESP)

RESUMO

O presente artigo, que é parte de uma pesquisa de iniciação científica, visa investigar os usos e abusos do passado, especialmente da Antiguidade, levados a cabo por um grupo que integra e chamada *Nouvelle Droite*, ou nova direita francesa. O grupo ora analisado se manifesta por meio de publicações acadêmicas ou de vulgarização na revista trimestral *Terre et Peuple* (Terra e Povo), se valendo fortemente de uma concepção de História Antiga que se mescla com as ideias de identidade nacional e supranacional, de modo a fomentar a mobilização do paganismo indo-europeu como herança legitimamente europeia a ser rememorada. Como veremos, essa apropriação do passado não é desnudada de interesses políticos e nem poderia sê-lo; ela firma raízes e ganha potência em momentos sociais e econômicos muito particulares.

PALAVRAS-CHAVE

Terre et Peuple; neopaganismo; extrema-direita; fascismo; usos do passado.

ABSTRACT

This article, which is part of a research of scientific initiation, aims to investigate the uses and abuses of the past, especially of Antiquity, carried out by a group that is member of the *Nouvelle Droite*, or the new French right. The group now analyzed manifests itself through academical publications or of vulgarization in the quarterly

journal *Terre et Peuple* (Earth and People), drawing heavily on a conception of Ancient History that blends the ideas of national and supranational identity in order to foster the mobilization of Indo-European paganism as a legitimately European heritage to be recollected. As we shall see, this appropriation of the past is not stripped of political interests and could not be so; It takes root and gains power in very particular social and economic moments.

KEYWORDS

Terre et Peuple; neopaganism; right-wing; fascism; uses of past.

“ Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam” (HOBSBAWM, 1984)

INTRODUÇÃO

O grupo francês de extrema-direita *Terre et Peuple* integra um conjunto de pequenos grupos e organizações marcados pela radicalização política, manifesta-se particularmente, por meio de publicações de vulgarização e de caráter acadêmico em sua revista trimestral de igual nome – *Terre et Peuple (Terra e Povo)*, representativa do ideário intelectual sobre história, política e cultura do pequeno círculo. A fim de justificar intelectualmente sua *concepção aristocrática de mundo* e seus ideais racistas e xenofóbicos, o grupo se vale fortemente da História Antiga (entendida como história nacional) para fomentar a construção espiritual de uma *identidade francesa*. Nesse sentido, enaltece a sua terra e seu povo, em oposição à modernidade, à globalização e, principalmente, ao cristianismo, que é encarado como o precursor da *concepção democrática de mundo*.

Nesse sentido, o objetivo fundamental desta investigação foi analisar, a partir das páginas da revista *Terre et Peuple*, entre os anos de 1997 a 2015, de que maneira o neopaganismo, como mobilização histórica da Antiguidade e atrelado a uma concepção aristocrática de mundo, é utilizado como viés de ação política e cultural pela *Nouvelle Droite (Nova Direita francesa)*. Ou seja, quais os sentidos ideológicos dessa mobilização do paganism e da memória indo-europeia?

À vista disso, captar a doutrina do grupo e as suas raízes sociais proporciona também a apreensão do movimento da *Nouvelle Droite*, uma dinâmica política e cultural herdeira do fascismo alemão em muitos aspectos (como na forma da mobilização do passado), embora não se configure o seu renascimento genuíno. Essa apreensão da performance reacionária atual e dos usos e abusos que se faz da história é de fundamental importância, pois, no cenário não só europeu, mas mundial, nota-se uma ofensiva das forças sociais e políticas de extrema-direita, aquelas que, sob o esquivo de novas máscaras, trazem à baila ideias antigas e perigosas que há tempos ruminam no submundo. O racismo, a xenofobia, o ódio à democracia, o irracionalismo, a aver-

são ao progresso e ao avanço, a concepção aristocrática de mundo, respondem aos brados da nem tão nova extrema-direita, e voltam a ocupar os campos da política, os universos intelectuais e culturais. É nesse domínio que se inserem as mobilizações da Antiguidade que tomamos como objetos de estudo e são neste artigo demonstradas.

O grupúsculo *Terre et Peuple*, cuja principal bandeira empunhada é a do que se denomina “resistência identitária”, que engloba uma luta por uma sociedade ne-opagã, aristocrática e de identidade absoluta, integra o universo da extrema-direita francesa atual, ou *Nouvelle Droite*¹, e se manifesta através de revistas de publicação trimestral, que tem como temas questões que dizem respeito à História Antiga, arqueologia, política, imigração, globalização, cultural local, mitos nacionais e regionais, e outras frentes. Nesse sentido, o seu principal objetivo, que advém desta produção intelectual como atividade basilar, é “conscientização do povo francês” para o que é designado de uma “Guerra Étnica”. Esta conscientização, por sua vez, se dá através da *metapolítica*², isto é, da batalha de ideias para a obtenção de uma hegemonia cultural e de um consenso em torno da ideia de nação e de sobrevivência étnica, uma verdadeira Guerra Cultural com o intuito fundamental de que, através da religião ne-opagã, estruture-se o que seria o reestabelecimento de uma sociedade nos moldes das organizações sociais do mundo Antigo.

Tendo em vista que “os eventos passados não mudam” e o que muda, contudo, é a “nossa compreensão sobre eles” (SILVA, 2019, p. 07) ou a aproximação sobre o movimento do objeto real que se consegue levar a efeito, faz-se imperativo denotar que essa mobilização da história pela extrema-direita é o campo metodológico pelo qual circunda nosso objeto. O passado indo-europeu, gaulês, romano, grego, e galo romano é instrumentalizado de forma inerente na construção dos ideários de ação de diversas seitas e partidos políticos de extrema-direita, e também “um dos grandes pilares de sustentação da legitimidade das propostas xenofóbicas e racistas de diferentes grupos.” (SILVA, 2019, p. 07). Além disso, o uso da História do mundo Antigo fundida à concepção de História nacional, como legitimadora da ideia de povo e terra, em uma relação intrínseca de ancestralidade, é instrumento essencial para a construção do discurso do grupo e para a sua manifestação intelectual, como o foi para as ideologias fascista e nazista.

Desse modo, apreender a história do grupo, partindo da revista e de seu contexto social de produção, e também das intenções e dos usos que fazem da Antiguidade, é de grande importância para a História, tanto como contribuição científica, assim como crítica do presente, uma vez que “temos uma responsabilidade pelos

1 A expressão “*Nouvelle Droite*” é utilizada na França a partir de 1978 para designar o GRECE - *Groupement de Recherche et d'Étude pour la Civilisation Européenne* -, mas, por extensão, para se referir, desde 1979, ao conjunto formado pelo GRECE e pelo Club de l'Horloge. Cf. TAGUIEFF, Pierre-André. *Sur la Nouvelle Droite*. Paris: Descartes e Cie, 1994, p.9). Contudo, um uso pouco recorrente, mas, que conheceu uma certa difusão, é aquele que designa, por esse nome, as direitas francesas do pós Segunda Guerra. Cf. SILVA, G. J. da. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume, 2007

2 Metapolítica aqui deve ser entendida como os espaços exógenos à política de fato. Isto é, se referem aos campos de ação política externos ao campo eleitoral e à máquina estatal: universidades, escolas, igrejas, periódicos, instituições comunitárias, etc.

fatos históricos em geral e pela crítica do abuso político-ideológico da história em particular.” (HOBBSAWM, 1998, p.20).

■ GÊNESE E HISTÓRIA DA NOVA DIREITA FRANCESA, OU NOUVELLE DROITE: o *Grece, Terre et Peuple* e Pierre Vial

A *Nouvelle Droite*, e aqui se inclui o grupo *Terre et Peuple*, se mostra em progressivo avanço no cenário político e cultural, não só europeu, mas mundial, como por exemplo na França, onde “o ressurgimento do *Front National* está ligado ao colapso do modelo econômico e social fordista.” (GOODLIFE, 2013, p.97) e a uma crise de valores, uma crise social, baseada no *ódio à democracia*³, na crise da razão e do humanismo. Esta guinada mundial à direita não é fruto somente dos embates entre os antagônicos campos políticos; pelo contrário, ela deriva do campo econômico, definidor, em última instância, dos devires políticos. A proletarianização de camadas médias, o desemprego e os empregos informais e precarizados, o desmonte e falência do estado de bem-estar social e a crise da democracia representativa, que se alastraram na Europa nas últimas décadas, implicam na desesperança e decepção de grupos pequeno-burgueses que encontram espaço em doutrinas direitistas e xenofóbicas, como o *Front National*.

No entanto, esta guinada europeia à direita não se configura um *acidente histórico* sem razão social e econômica, e também, não é mero produto da atualidade globalizada, pelo contrário, ela vem sendo gestada constantemente desde o pós-Guerra e hoje encontra terreno social fértil para germinar. Foi nesse sentido que surgiu em 1969, em Nice, o GRECE⁴ (*Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européenne*), como fruto dos esforços de Venner, Alain de Benoist, Jean Haudry e Pierre Vial. Constituído essencialmente por intelectuais, oriundos em sua maioria do *Euro-pe-Action*, o grupo tem por principais meios de atuação um conjunto de publicações acadêmicas e a organização de colóquios, fundamentados mormente nas áreas da História Antiga, Arqueologia e Filologia.

O GRECE se faz o embrião mais fundamental do espectro novo-direitista europeu no campo das ideias, estando “no coração da alquimia da Nova Direita” (DURANTON-CRABOL, 1989, p. 39), e sua sina é fundamentar e defender historicamente uma identidade única para o velho continente, através de uma “revolução cultural, anti-marxista, antiamericana e demarcada pela diferença biológica e étnica” (DURANTON-CRABOL, 1989, p. 39). Isto é, buscar, através da arqueologia, da história e da filologia, reviver e enaltecer o antecedente branco indo-europeu, a fim de erigir, às custas de pressupostos irracionistas e axiomas raciais falsos, uma pedra angular para a

3 RANCIÈRE, Jacques. O ódio à democracia. Trad. Mariana Echalar, Editora Boitempo: São Paulo, 2014.

4 Segundo Silva, “A sigla do grupo remete não só à antiguidade, fazendo referência à Grécia Antiga, mas à própria ideia de um patrimônio intelectual europeu, o que se conjuga facilmente com os ideais que persegue.” (SILVA, 2019, p.11)

construção da ideia de nação europeia, radicalmente enaltecida, e de um ancestral branco e “puro” em comum que deve ser preservado. No entanto, de modo peculiar no universo direitista, o grupo rompe com o catolicismo e o elege como ideologia negativa, precursora dos ideais de igualdade e, de modo paradoxal, de aspirações autoritárias, por seu caráter monoteísta e absoluto (MILZA, 2002, p.201). Nesse sentido, nas palavras de Tristan Leoni, a “Nova Direita se caracteriza sobretudo por sua fibra paganista e sua hostilidade ao cristianismo, responsável, através do universalismo e do igualitarismo, pela decadência europeia.” (LEONI, 2018, p.06). Esse sentimento anticristão e essa fibra pagã ocuparão daí em diante a centralidade lógico-argumentativa do discurso desses grupos. Todos os seus pressupostos e axiomas girarão em torno da concepção essencialista de raça, povo e terra, leis eternas ligadas ab origine à suposta ancestralidade indo-europeia.

Para estear sua ideologia extremada e radical, o grupo se vale de uma chave de interpretação da História Antiga e da arqueologia do mundo antigo, elegendo-as como instâncias constitutivas e legitimadoras de uma longínqua história Nacional. Nesse sentido, a teoria da tripartição sócio funcional, de George Dumézil (DUMÉZIL, 1985, p. 985-989) acerca dos indo-europeus se faz elementar ao grupo, que considera esse povo como o primeiro e mais puro representante do homem branco europeu; dele descenderiam os romanos, gauleses, gregos, e galo romanos, os francos, e os celtas, os antepassados fartamente mobilizados por seus “descendentes”.

A recuperação, manutenção e a articulação, no presente, desta identidade ancorada no passado se desdobra na aversão aos imigrantes, em sua maioria muçulmanos advindos do oriente e do norte da África; estes são encarados, primeiramente, como responsáveis por todas as mazelas sociais e por problemáticas da ordem econômica e, em seguida, como ameaça à “pureza” dessa sagrada identidade oriunda do homem branco indo-europeu. “O medo e a agressividade em relação aos ‘outgroup’, como se sabe, não tem nada de novo como ingredientes de síndromes de extrema-direita” (PIERUCCI, 1999, p. 59).

A teoria de Dumézil sobre a tripartição sócio funcional das sociedades indo-europeias traz como corolário a ideia de ancestral, língua e herança comuns entre os europeus, logo, de uma cultura compartilhada, o que, a partir de sua manipulação por muitos grupos direitistas como o GRECE, justificaria a união de povos europeus em torno de ideias que lhe são próprias, como bem ilustra a mobilização da teoria de Dumézil pelo Nazismo (GINZBURG, 1985, p.695-715). Dessa forma, segundo a ideologia da *Nouvelle Droite*, “é clara a existência de uma cultura indo-europeia, que transcende os estados-nações, biologicamente determinada” (BENOIT, 1981, p.251 *apud* SILVA, 2019, p.12).

Esse apelo aos indo-europeus eclode não só numa rememoração e instrumentalização das cargas culturais, biológica e, principalmente, religiosa, mas, também, no modo de interpretar e articular a sociedade estruturalmente, ou seja, “isso também implica uma visão hierárquica e aristocrática de sociedade” (FLOOD, 2000, p.256). Dessa forma, reproduz-se algumas primazias nazifascistas: o culto ao líder e o corporativismo baseados numa hierarquia racial estabelecida historicamente, como resposta à crise entendida como cultural, uma inversão de valores propriamente dita.

“A Nova Direita prima por diagnosticar a crise geral do mundo contemporâneo como uma crise primeiramente cultural, uma crise de valores, de maneiras, crise moral.” (PIERUCCI, 1999, p. 59).

Produto de uma cisão entre membros do GRECE, dentre eles Pierre Vial, surge o pequeno grupo *Terre et Peuple*, que tem como foco de militância política e cultural a *resistência identitária* face a uma ameaça vinda tanto do exterior como do interior: a globalização, ou *mundialização*, e os imigrantes muçulmanos são os principais adversários do grupo, sendo encarados como inimigos externo e interno, respectivamente.

O grupo conta com um periódico de mesmo nome, através do qual realiza-se intelectualmente no campo cultural, produzindo publicações sobre a história nacional francesa, regional e europeia, que visam preservar uma identidade étnica entendida em risco de extinção e fomentar uma reorganização social e política na Europa, que leve em conta as raízes culturais e étnicas de cada povo europeu firmado em seu território por direito histórico. Uma concepção aristocrática de mundo, baseada nas etnias ou povos “legitimamente europeus” que devem se firmar cada qual em sua terra, como mostra sua apropriação da História Antiga.

O círculo direitista conta com filiais não só em diversas regiões da França, como na Ilha de França, Bretanha e Alsacia, por exemplo, como também em outras nações do continente europeu, como Espanha, Portugal, Bélgica, Suíça, Luxemburgo e outros países. As manifestações político-culturais resumem-se, mormente, em visitas a sítios arqueológicos, acampamentos, mesas redondas, assembleias comunitárias aonde se decidem os rumos de ação política e também festas organizadas em função de eventos de um calendário pagão organizado pelo grupo. Essas práticas militantes se dão mormente em locais que ocupam um importante papel na história e na memória nacionais e regionais, e as temáticas das festas e encontros estão sempre relacionadas à Antiguidade entendida como a gênese da nação e o reduto da identidade.

Através dessas atividades e da sua considerável produção intelectual, *Terre et Peuple* intenta empreitar um combate *metapolítico* contra o *desenraizamento* e a *dissolução étnica e cultural* do povo francês e europeu. Esse embate, entretanto, se dá a serviço de uma agenda política e cultural xenofóbica, racista e violenta, tendo como pilar uma releitura falseada e intencionada do passado indo-europeu, ou gaulês no caso específico da França.

Nesse sentido, *Terre et Peuple* anuncia, categoricamente, ter por eixo basilar de ação a conscientização do povo francês para o que designa de uma *Guerra Étnica*, e face a este evento objetiva preparar os seus leitores e militantes para um peremptório e decisivo evento, em que se resolverão os conflitos étnicos entre povos em luta racial. A respeito do conceito de *Guerra étnica*, Pierre Vial dirá:

Nós caminhamos para uma guerra étnica e esta guerra será total. (...) é necessário, então, preparar mental, psicológica, moral e psicologicamente o maior número possível de nossos compatriotas nesta perspectiva, afim de que eles vivam neste desafio o menor mal possível, ou seja, dando a si mesmos o máximo de chances de sobreviver. Este imperativo dá todo seu sentido a nossas atividades: organizando pas-

seios, visitas de sítios e exposições, conferências, estágios de formação, nós queremos colocar em alerta os homens e as mulheres de nosso povo sobre o sentido dos afrontamentos que se preparam e forjar sua determinação face a isso (VIAL, 1997, p. 04)

Vial, fundador e editor chefe de T.P, se mostra como figura medular do grupo, tanto no que diz respeito à militância política quanto à produção intelectual, de modo que ambas as categorias (teoria e prática) se encontram fundidas na personalidade condutora. Professor aposentado de História Medieval da Universidade de Lyon III, Vial nasceu em meio à Segunda Guerra Mundial, em 1942, e desde jovem militou em movimentos à extrema-direita. Segundo Christopher Flood, “desde 1958 até se juntar ao *Front National* em 1988, ele [Vial] pertenceu a uma série de partidos neofascistas de curta vida.” (FLOOD, 2000, p. 251). Como professor universitário se mostrou “figura de liderança no fortemente controverso Instituto de Estudos Indo-europeus, o qual promoveu um ponto de convergência para a extrema-direita universitária” (FLOOD, 2000, p. 251). O instituto, de uma vertente fascista de tendência pagã, visava, primeiramente, aferir aparências científicas ao GRECE na construção de um elo entre História Antiga e história nacional. De forma inusitada, o IEIE foi erigido na Universidade de Lyon III, ou Jean Moulin,; “a mesma universidade que leva o nome do herói da resistência francesa se constituiu em um verdadeiro polo da extrema-direita” (SILVA, 2019, p.04). O Instituto de Estudos Indo-europeus fechou as portas em 1999, “após uma sindicância conduzida pelo Ministério da Educação Nacional para apurar casos de racismo e negacionismo” (SILVA, 2019, p.04).

■ O NEOPAGANISMO E A CONCEPÇÃO ARISTOCRÁTICA DE MUNDO

O grupo lê o momento atual como uma era de iminente conflito étnico entre povos europeus e não-europeus, um conflito motivado pela crença de que dois povos não podem naturalmente ocupar um mesmo território. Entendem que uma terra está ligada umbilicalmente a um povo e, por consequência lógica, só este povo tem o direito espiritual e histórico de habitá-la.

A sua leitura do mundo moderno é de uma inexorável Guerra Étnica, uma interpretação de conjuntura tipicamente fascista, ligada às teorias do racismo científico de Chamberlain, Gobineau e Hitler. Nesse sentido, encaram como principais inimigos os imigrantes que ocupam o espaço vital não só francês, mas europeu como um todo. Esse diagnóstico da sociedade atual divide espaço com uma proposta de futuro, uma solução que advém tanto do pensamento quanto da ação.

Na visão do grupo, a melhor forma de vencer o combate étnico que se aproxima é a partir de uma guerra cultural - a ação *metapolítica* visando a conquista da hegemonia - que fertilizará terreno para o sucesso no campo político. A sua estratégia, nesse sentido, é a prática neopagã e a negação sumária do cristianismo. Para isso,

no entanto, o grupo articula uma leitura própria do passado para construir espiritualmente sua identidade, orientando seus diagnósticos do presente e seus projetos de futuro. Segundo Flood:

O passado, e especialmente o passado primordial, deve ser entendido como um repositório de sabedoria, valores e lições. É uma fonte de autoconhecimento para o indivíduo e para a comunidade. Ilumina o presente. Orienta a concepção de metas para o futuro e os cursos de ação para alcança-los. (FLOOD, 2000, p.254)

É nesse sentido que o grupo mobiliza a História Antiga - fundida à história nacional, como se fossem uma mesma tradição - e dados arqueológicos para encontrar nos povos indo-europeus e seus sucessores uma herança cultural e étnica em comum. Esse indo-europeísmo, dessa forma,

Serve de base para reclamar a etnicidade francesa, que pode ser representada como uma notável síntese da linhagem celta dos gauleses, a linhagem latina dos romanos, e a linhagem germânica dos francos, todas complementares porque derivam da mesma raiz comum, e compartilhando características culturais e temperamentais, as quais são implicitamente vistas como superiores às dos outros povos. (FLOOD, 2000, p.256)

Terre et Peuple “promove uma ampla visão de histórias nacional e local, de volta aos tempos mais remotos, incluindo mitos e lendas” (FLOOD, 2000, p.244), e busca assimilar para si uma ligação com a linhagem branca. Nesse sentido, Vial irá dizer que: “Nosso paganismo é uma herança que vêm do fundo das eras e para qual nós entendemos sermos fiéis.” (VIAL, 2013, p.31).

Desse modo, entende que a verdadeira religião europeia é aquela mesma dos povos indo-europeus, e para defender sua identidade, sua etnicidade, a introjeta e a coloca em prática, utilizando-a como instrumento de *resistência cultural* frente a um peremptório combate étnico. Sobre isso, Vial irá dizer: “A sociedade em que vivemos está doente. Ela está atormentada por uma AIDS mental que é a inversão de valores, mãe das contradições internas que vão fatalmente eclodir cedo ou tarde em uma implosão, porque não desafiamos, impunemente, as leis da natureza, as leis da vida.” (VIAL, 1997, p.02).

Segundo Hobsbawm, este processo de reinventar e continuar tradições rompidas é natural no curso da história humana, pois,

Muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos - inclusive o nacionalismo - sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda (Boadicéia, Vercingetórix, Armínio, o Querusco) ou

pela invenção (Ossian, manuscritos medievais tchecos). (HOBSBAWM, 1984, p.15)

Contudo, a recuperação das tradições não deixa de ser um processo para o qual os historiadores, e cientistas sociais num geral, têm de olhar com acentuada atenção, pois, “pode-se dizer que as tradições inventadas são sintomas importantes e, portanto, indicadores de problemas que de outra forma poderiam não ser detectados nem localizados no tempo.” (HOBSBAWM, 1984, p.20).

Os usos do passado antigo pelo grupo *Terre et Peuple* são sintomas de uma tentativa - levada a efeito por um círculo de intelectuais e estudantes de extrema-direita - de primeiro, diagnosticar os problemas atuais, para em seguida, apresentar uma profilaxia e, por fim, construir uma imaginação de futuro. Como vimos, um projeto em curso desde o Pós-Guerra que ganha força em momentos de crise econômica do capitalismo e crise dos valores democráticos.

Num escrito de 1946 denominado *Concepção aristocrática e concepção democrática de mundo*, György Lukács, filósofo marxista húngaro, em decorrência do fim da segunda guerra e de um sentimento de otimismo quanto ao futuro, acredita que para “erradicar as raízes espirituais e morais do fascismo” que restavam após a destruição bélica da doutrina era necessária uma aliança antifascista em escala mundial, tendo como base a construção de uma *nova democracia* (LUKÁCS, 2009, p.25).

Lukács concebe o fascismo não como uma “manifestação mórbida e historicamente isolada” de barbárie repentina na Europa, e sim como uma concepção de mundo irracionalista nos domínios epistemológicos, e aristocrática no plano social e moral, que ganha espaço em momentos de crise econômica seguida da crise de quatro valores: *crise da democracia, crise da ideia de progresso, crise da confiança na razão e crise do humanismo* (LUKÁCS, 2009, p.26).

Nestes momentos de crise econômica e crise de valores, surgem grupos e círculos onde é fermentado intelectualmente o pensamento reacionário e fascista. Grupos de extrema-direita, como o nosso objeto de investigação, constroem para si uma concepção de mundo amparada em uma apropriação da história. À vista disso, é precipitado afirmar que as formas de aparição desse discurso se configuram devaneios e especulações de indivíduos isolados e irados com a democracia, com a razão, com o humanismo e o progresso; antes de tudo, esses argumentos reacionários “têm origem no ser social da nossa época”. O discurso desses grupúsculos conservadores, como *Terre et Peuple*, refletem espiritualmente necessidades, questionamentos e sofrimentos reais de um determinado grupo ou classe, ainda que de forma distorcida e falseada, fundado essencialmente em uma *concepção aristocrática de mundo*. “Como diria Marx, [esses argumentos / discursos] não saltam dos livros para a vida, antes vão desta para aqueles” (LUKÁCS, 2009, p. 26). Em última instância, é o ser social que determina a consciência, e não o oposto.

Nesse sentido, pode-se denotar que *Terre et Peuple*, embora busque continuar uma tradição ancorada no passado, é um produto social do trauma moderno, buscando dar soluções a problemas reais que afligem seus integrantes, sentidos primeiramente no campo econômico e, em seguida, desdobrados para o plano dos valores

morais e identitários. A sua concepção do movimento humano, fundada na ideia de desigualdade natural como lei eterna e na ideia de raça e povo (*Volkisch*) é essencialmente uma concepção aristocrática de mundo.

Essa percepção de mundo aparece também no campo religioso. *Terre et Peuple*, como um aparelho ideológico que integra o universo da *Nouvelle Droite*, engaja uma leitura peculiar do cristianismo. Essa religião é vista como uma religião não-europeia, isto é, - como diria Hitler - não compatível com o “gênio inerente ao povo europeu”, pois os eixos que condicionam essa doutrina são diametralmente opostos daqueles pregados pelo grupo e a sua origem remete ao oriente. Por esse motivo, os intelectuais da *Nouvelle Droite* tentam “associar tanto quanto possível o cristianismo ao judaísmo, isto é, empurrá-lo ao mundo do oriente Médio, e excluí-lo simbolicamente da Europa” (MOOS, 2003, p.45).

O seu sentimento anticristão se dá, primeiramente, por encararem o cristianismo como o precursor do igualitarismo, do universalismo, de valores democráticos e, contraditoriamente, de valores totalitários (por seu caráter monoteísta e absolutizante). Assim, “a crítica novo-direitista se atém prioritariamente ao monoteísmo e ao universalismo cristão” (MOOS, 2003, p.43).

Desse modo, “no que concerne à religião, a nova direita se caracteriza sobretudo por sua fibra pagamista e sua hostilidade ao cristianismo, responsável, através do universalismo e do igualitarismo, pela decadência europeia.” (LEONI, 2018, p.06). A nova direita prima por justificar a desigualdade natural, eixo metafísico a que deve toda sua estrutura lógico-argumentativa, e para isso se vale de uma leitura do paganismo antigo que rememore não somente aos rituais, mas também, e principalmente, a uma organização social hierárquica e aristocrática, segundo a teoria de Georges Dumézil sobre a tripartição sócio funcional das sociedades indo-europeias. Segundo Leoni,

Sua descendência indo-europeia e o paganismo (verdadeira religião europeia) são um remédio e um modelo, e isso não significa advogar um retorno às cerimônias e sacrifícios rituais, mas sim de reencontrar-se com um modo de vida [organização social], uma outra relação com a natureza, com os ancestrais e a tribo, isto é, a etnia. (LEONI, 2018, p.06).

É nesse sentido que “o cristianismo [para *Terre et Peuple*] se tornou um *Bolchevismo da Antiguidade*.” (FRANÇOIS, 2005, p.13), segundo a leitura do grupo, de modo a articulá-lo como uma grande de empresa de aculturação, miscigenação e dissolução da etnia europeia (MILZA, 2002, p.202).

Segundo Pierre Vial, o mundo moderno, palco da globalização e de séculos de influência cristã, é o ápice de um processo tanto físico (Guerra Étnica / imigração) quanto espiritual (desencantamento do mundo) que, através da imigração e do cristianismo, respectivamente, tem como eixo a ofensiva às identidades étnicas europeias.

Nas palavras do fundador do grupo, o mundo moderno

É o culminar de um longo processo de desencantamento com o mundo, que teve e sempre tem o propósito de desenraizar o ser humano, de cortar o cordão umbilical que o conecta ao cosmos, de sufocar nele aquela centelha divina que lhe permite se conectar ao sagrado. (VIAL, 1997, p.02)

Segundo Olivier Moos, que defendeu uma tese sobre as relações entre os intelectuais da nova direita e a religião, a Nouvelle Droite e a sua fibra paganista encaram o cristianismo como uma doença que assola a Europa e a sua identidade, isto é, “como um novo germe viral, o cristianismo introduziu na Europa uma ruptura identitária, tanto coletiva como individual, que entorpeceu os corpos pagãos sem, contudo, atingi-los completamente.” (MOOS, 2003, p.47).

Nesse sentido, na primeira edição da revista, em 1997, o líder Vial estabelece que “no alvorecer do novo milênio, a ideia de ‘reencantar o mundo’ vem a ser um ‘leitmotiv’ (VIAL, 1997, p.06). Esse fomento ao reencantamento de um mundo desencantado espiritualmente pelo cristianismo e fisicamente pela globalização/imigração deve se realizar concretamente através da rememoração, ou melhor, da “reativação de uma consciência identitária” (DELHELME, 1997, p. 06) intimamente ligada à “verdadeira religião europeia”, partindo do pressuposto de que “mitos e lendas estão em ressonância com a alma de um povo” (DELHELME, 1997, p. 06).

Mas, afinal, o que seria concretamente “reencantar o mundo através do neopaganismo” e qual é o tipo de ação que o grupo empreende para tal processo?

A fim de responder a esses questionamentos, nos dividiremos aqui em três planos de práticas neopagãs exercidas pelo grupo: a) produção artesanal e intelectual b) produção espiritual e c) ação combativa. A ação combativa não será destrinchada nesse artigo por uma questão de espaço e de tema, mas sua manifestação se dá no plano físico combativo, isto é, membros do grupo que partem para manifestações, protestos, a militância prática.

Antes de se embrenhar pela revisitação de mitos e lendas, é importante notar que essa organização dos planos de ação neopagã dizem respeito certamente à organização hierárquica do próprio grupo. Ou seja, há aqueles que representam o plano de produção artesanal (mulheres e crianças) e aqueles que condicionam a produção intelectual (personalidades fundadoras - Pierre Vial, Alain de Benoist e Jean-Haudry, principalmente), há os responsáveis pela atividade espiritual (condução de rituais - Vial e outros antigos membros), e, por fim, há aqueles dispostos ao combate étnico físico e espiritual (homens jovens e adultos que participam de manifestações e protestos)⁵. Essa forma de organização interna do grupo remete, certamente, à mo-

5 Essa composição hierárquica do grupo pode ser notada a partir de três prismas: a) da autoria de sua produção intelectual (revista onde mormente homens membros antigos escrevem - principais figuras intelectuais) e de escritos (roteiros) para a produção artesanal, direcionados, principalmente, a mulheres e crianças; b) fotos de rituais como o solstício de verão, onde se nota a participação ativa de todos os membros, e a condução se dá pelas figuras de liderança; c) e, por fim, fotos de manifestações

bilização da teoria de Georges Dumézil pelo nazismo (GINZBURG, 1985, p.695-715), em relação à tripartição sócio-funcional das sociedades indo-europeias. Essa teoria traz como corolário a ideia de uma herança ancestral em comum entre os europeus no que diz respeito à língua e à cultura originalmente indo-europeias. Isso implica, contudo, em uma adaptação da organização social das comunidades supostamente ancestrais às condições modernas, isto é, fomentar uma reorganização social em torno de três figuras centrais nessa hierarquia: aqueles responsáveis pela produção artesanal e intelectual, aqueles pelo trabalho espiritual (sacerdócio) e aqueles dispostos ao combate (guerreiros)⁶.

Essa forma de organização interna se reflete, por exemplo, na composição das cores da bandeira de *Terre et Peuple* (Figura 01), constituída pelas cores da bandeira francesa tripartida em escalas diferentes (o que remete à tripartição sócio funcional das sociedades indo-europeias) tendo em seu centro o símbolo de uma flor alpina chamada Edelweiss. Segundo Flood, o emblema do grupo “é a *Edelweiss*, uma flor alpina branca que é lida como evocadora de pureza, soberania e coragem para conquistar a dependência mútua e o esforço de superação [...] finalmente, a flor pode ser vista como reflexo da North Star⁷, que tem um significado espiritual para o grupo.” (FLOOD, 2000, p.254).

Os campos de atuação neopagã que se referem à a) produção artesanal/intelectual e b) produção espiritual, ações culturais engendradas pelos membros do grupo, fazem frente à globalização e ao cristianismo compõe o que se denomina *resistência identitária*.

A produção intelectual versada no sentido do neopaganismo é extremamente vasta, e é através dela que se engendra também a produção artesanal. Isto é, a partir da guias e roteiros presentes nas edições da revista, com o suporte de um calendário de festejos pagãos, é fomentada a confecção de itens decorativos, o festejo de datas comemorativas, etc.

Na décima edição da revista, por exemplo, pode-se encontrar um guia para a decorar um tronco no solstício de verão (talvez a data mais importante para o grupo): “Faça um esboço das decorações desejadas: símbolos solares, iniciais de sua casa, coloque rubas, velas, ramos de azevinho [pinheiro natalino], etc.” (2001, p. 11).

Em todas as edições da revista há uma ou duas páginas destinadas a promo-

e agitações públicas das quais participam essencialmente homens jovens e adultos, portando bandeiras e toda uma simbologia pagã.

6 Essa ideia de que o grupo encarna em si a tripartição sócio funcional das sociedades indo-europeias (teoria de Dumézil) se encontra originalmente em um artigo de uma jornalista francesa para o jornal *Le Monde (des religions)*, publicado dia 23 de junho de 2014. O artigo chama-se *As duas vertentes do neopaganismo francês*, de autoria de Léa Ducre, em que a autora elabora uma diferenciação sobre os neopaganismo racistas de extrema-direita e aqueles espiritualistas e meramente religiosos de esquerda, encarando *Terre et Peuple* como um exemplo de neopaganismo etnicista / racista, que prega a superioridade dos povos herdeiros dos indo-europeus. Online em: http://www.lemondedesreligions.fr/savoir/les-deux-visages-du-neopaganisme-francais-26-03-2014-3797_110.php. Acesso em 22/08/2019, às 12:07.

7 North Star, ou Estrela Polar é um astro sempre utilizado para a localização geográfica na Terra, uma vez que se encontra quase inteiramente alinhado ao eixo terrestre. Essa estrela firma ligações com o fenômeno dos equinócios, muito importante para o grupo.

ver uma nova receita culinária supostamente de origens indo-europeias, além de também roteiros para a preparação para rituais e a produção artesanal de artigos necessários à época festiva em questão. Essa disseminação sistemática de cultura “tipicamente europeia”, interligada a uma data importante para o calendário pagão se dá devido à periodicidade da revista, uma vez que são produzidas quatro ao ano e lançadas em consonância com o ritmo sazonal.

Na edição 50, datando de 2011, pode-se notar uma página muito recorrente de todas as edições da revista, com o tema direcionado às tradições culinárias europeias. No título pode-se ler: “Os fornos de Épona” e a receita indicada é “ganso assado e legumes crocantes”. Os gansos têm, segundo o artigo, raízes helênicas e fazem parte da história europeia ancorada num passado longínquo. Pode-se ler, por exemplo, que “os gansos do capitólio avisaram os romanos da chegada dos guerreiros gauleses”. A fusão, ou confusão, entre História Antiga e história nacional aqui é nítida. (2011, p.08).

Em relação ao campo da produção intelectual neopagã engajada em fazer frente ao cristianismo pode-se citar, por exemplo, uma prática recorrente nas edições da revista: a tarefa auto incumbida de reencantar criaturas que a doutrina cristã (ou melhor, a instituição igreja católica) demonizou. O discurso do grupo no que se refere ao sentimento anticristão gira em torno da ideia de que o cristianismo, além de outras supostas mazelas que causou à Europa, desencantou o mundo, rompeu o elo dos homens com a natureza. Portanto, cabe aos intelectuais de *Terre et Peuple* a tarefa de religar os povos da Europa com a sua verdadeira religião e, conseqüentemente, com a sua verdadeira cultura, de maneira a reencantar o mundo.

É nesse sentido que em inúmeras edições da revista o grupo tenta destruir os sentidos dados pelo cristianismo a criaturas supostamente sagradas. Por exemplo, “o cristianismo tomou o corvo de um jeito ruim, associando-o ao mundo da feitiçaria, dos espíritos malignos e das trevas. Ele é o trapaceiro do mal e o companheiro de satanás” (MARILLIER, 2002, p. 09). Contudo, segundo o autor deste artigo da 13ª edição, o corvo, na acepção pagã, é o símbolo da esperança, do sol nascente. Por esse motivo, engendra-se, em basicamente todas as edições, uma tarefa de restituir o sentido sagrado às criaturas europeias, reencantá-las. Esse é um tipo do que se pode chamar de produção intelectual. Quanto à produção espiritual, isto é, as práticas e rituais neopagãos, pode-se citar, principalmente, as celebrações dos solstícios de inverno e verão, por exemplo. Os membros do grupo se reúnem em clareiras na floresta, acendem uma pira de chamas e realizam banquetes com comidas típicas (indicadas por intelectuais como Jean-Haudry, especialista na vida pagã) (Figura 02). Segundo Flood:

Vial e outros membros da revista se embasam num neopaganismo que celebra o sol e as estrelas, os solstícios e equinócios, as regiões polares e outros locais que são tomados como reposições do sagrado, a redescoberta da espiritualidade em contato com o mundo natural é tomada como essencial para a cura do materialismo da moderna, urbana e consumista civilização (FLOOD, 2000, p.244).

Haudry, autor de obras sobre as linhagens dos povos indo-europeus e suas manifestações religiosas, fornece na edição 26 um guia para aqueles que irão celebrar o solstício de inverno daquele ano (2005). Segundo ele,

Para aqueles que celebram em conjunto, o solstício de inverno é uma celebração alegre, onde carnes e vinhos são acompanhados por canções não menos revigorantes. Para aqueles que celebram em isolamento, é também o tempo de silêncio e reflexão, a preparação mental para o cruzamento de um inverno que pode ser longo e rigoroso. (HAUDRY, 2005, p.07)

A manifestação neopagã, segundo Vial, “não é um jogo, uma distração, mas um modo de vida, uma razão de viver”. (VIAL, 2013, p.31). Isso implica, contudo, em propor um projeto de mundo, ideias para um futuro imaginado fundamentado em comunidades étnicas, regradas pela eterna lei do sangue, do povo e da terra. Comunidades organizadas de acordo com os regionalismos (ligado à suposta herança indo-europeia) e hierarquizadas com base na tripartição sócio funcional de Dumézil.

O neopaganismo, como mobilização da Antiguidade, não é neutro e nem poderia sê-lo. Nenhuma apropriação se constrói desnudada de interesses sociais; como nos alertou Hobsbawm, só se recupera uma tradição quando seus usos já não vigoram mais ou se encontram ameaçados (HOBBSAWM, 1984, p. 16). No caso de *Terre et Peuple* o neopaganismo é mobilizado com olhares para uma agenda que responde a anseios e necessidades reais de seus mais fiéis enunciadores e militantes, membros fervorosos da Nouvelle Droite, que buscam soluções para momentos de crise social e econômica na Europa. Dessa maneira, o neopaganismo como arma cultural, política por outros meios, face à iminente *Guerra Étnica* anunciada pelo grupo, está ligado umbilicalmente àquilo que György Lukács chamou em 1946 de *concepção aristocrática de mundo*, uma forma antidemocrática, anti-humanista e racalista de conceber o movimento histórico humano e dirigi-lo a alguma direção reacionária. O neopaganismo, nesse sentido, é utilizado como forma de oposição espiritual ao cristianismo, lido pelo grupo como o precursor da *concepção democrática de mundo*.

FIGURAS



Figura 1: Bandeira do grupo Terre et Peuple.

Fonte: Foto retirada da página do Facebook de Terre et Peuple. Disponível em: https://www.facebook.com/terreetpeuple/?epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 01/10/2019.



Figura 02: Membros de Lyon celebrando o solstício de verão.
Fonte: Foto retirada da página do Facebook de Terre et Peuple.
Disponível em: https://www.facebook.com/terreetpeuple/?epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 01/10/2019.

FONTES

FACEBOOK. *Página Terre et Peuple*. https://www.facebook.com/terreetpeuple/?epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 01/10/2019 às 18:20.

ROUSSO, H. *Rapport sur le négationnisme et le racisme à l'université Lyon 3*. In : Le dossier Lyon III – Le rapport sur le racisme et le négationnisme à l'Université Jean-Moulin. Lyon: Conseil Lyonnais pour le respect des Droits, 2002.

TERRE ET PEUPLE (revista): as edições são lançadas quadrimestralmente, e o período em análise está compreendido entre 1997 e 2015; Edições utilizadas neste artigo: edição 01, 1997; edição 10, 2001; edição 13, 2002; edição 26, 2005; edição 42, 2009; edição 46, 2010; edição 50, 2011; edição 56, 2013.

TERRE ET PEUPLE (site). <https://www.terreetpeuple.com/terre-et-peuple-magazine-communaut-6/596-terre-et-peuple-magazine-n-79-printemps-2019.html>. Acesso em 01/10/2019 às 18:20.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUMÉZIL, G. Science et politique: response à Carlo Ginzburg. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. v. 40, n. 5, p. 985-989, 1985.

DURANTON-CRABOL, A.-M. La « nouvelle droite » entre printemps et automne (1968-1986). In: *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, nº17, janvier-mars, p. 39-50, 1988.

DURANTON-CRABOL, A.-M. *Visages de la Nouvelle Droite: Le GRECE et son histoire*. France, Presses de Sciences Po, 1988.

FLOOD, C. The cultural struggle of the extreme right and the case of Terre et Peuple. In: *Contemporary French Civilization*, v. 24, n. 2, p. 241-266, 2000.

- FRANÇOIS, S. *Les paganismes de la Nouvelle Droite (1980-2004)*. Science politique. Université du Droit et de la Santé - Lille II, Français, 2005.
- FRANÇOIS, S. La Nouvelle Droite et l'écologie: une écologie népaienne? In : *Revue d'Histoire Politique*, v.12, n.2, p. 132-143, 2009.
- GOODLIFE, G. *Globalization, Class crisis and the extreme-right in France in the new century*. In: *Varieties of Right-wing extremism in Europe*. Edites by Andrea Mammone, Emmanuel Godin and Brian Jenkins. UK, editora Routledge. 2013.
- GUINZBURG, C. Mythologie germanique et nazisme. Sur un livre ancien de Georges Dumézil. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. v. 40, n. 4, p. 695-715, 1985.
- HOBSBAWM, E. A invenção das tradições (Introdução). In: HOBSBAWM, Eric J., RANGER, Terence (Orgs). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim de Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 09-23, 1984.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.
- LEONI, T. *Race et Nouvelle Droite*. Artigo disponível em: www.ddt21.noblogs.org, 2018. Acesso em: 03/01/2019, às 20:06.
- LUKÁCS, G. Concepção aristocrática e concepção democrática de mundo. In: LUKÁCS, G. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Trad. Org. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MILZA, P. *L'Europe en chemise noire: les extrêmes droites européennes de 1945 à aujourd'hui*. Paris: Fayard, 2002.
- MOOS, O. *Les intellectuels de la Nouvelle Droite e la religion: Histoire et idéologie d'un antichristianisme de droite (1968-2001)*. Mémoire présenté à l'Université de Fribourg (Suisse), 2003.
- PIERUCCI, F. A. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SILVA, G. J. da; SILVA, J. da B. Identidade, diferença e racismo. In: *Política da promoção da igualdade racial na escola*. SILVA, José Carlos Gomes da; ARAÚJO, Melvina Afra Mendes de; SOUSA, Flávia Alves de (orgs.). São Paulo: Unifesp, 2017.
- SILVA, G. *Um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo, FAPESP. 2007.
- SILVA, G. *Guerra Étnica, Guerra Cultural, Guerra Total: a interpretação de dados históricos e arqueológicos sobre a Antiguidade pela revista de extrema direita francesa Terre et Peuple (1999 - 2016)*. Revista Phoênix, UFRJ. v.25, n.01, 2019 (no prêlo).
- TAGUIEFF, P-A. *Sur la Nouvelle Droite*. Paris: Descartes e Cie, 1994.